

EDUCAÇÃO POPULAR E O PODER DO DIÁLOGO

O DIÁLOGO E A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTEGRAM UMA EDUCAÇÃO CAPAZ DE DESENVOLVER O PENSAMENTO CRÍTICO E CONTRIBUIR PARA A DEMOCRACIA, O QUE CONSTITUI ASPECTO CENTRAL NA PROPOSTA DE PAULO FREIRE.

Por Cinthia Toledo e Mariana Rocha

Os programas e movimentos de alfabetização de jovens e adultos que surgiram no Brasil entre as décadas de 1940 e 1960 visavam estimular a conscientização da população, incentivando sua participação política e buscando a "educação do povo, pelo povo e para o povo", em contraposição às práticas educacionais das elites.

EDUCAÇÃO POPULAR

Boa parte das práticas de educação popular aconteceram em contextos não-formais. Os Centros Populares de Cultura (CPCs), por exemplo, foram criados pela União Nacional de Estudantes (UNE) e tinham na arte, sobretudo no teatro, o cerne de sua atuação. Seu modelo se difundiu por todo o país. Os trabalhos desenvolvidos pelo Movimento de Educação de Base (MEB) também tiveram grande importância no período. Criado por decreto do presidente Jânio Quadros, em março de 1961, o MEB foi conduzido pela Igreja Católica com financiamento do governo federal. Suas ações eram focadas nas áreas rurais e utilizavam as escolas radiofônicas como recurso. Além disso, o Movimento de Cultura Popular (MCP) surgiu com o apoio da Prefeitura de Recife e também se disseminou em outras cidades.

Parte das ideias de Paulo Freire — educador, pedagogo e filósofo brasileiro — foi gestada a partir de sua experiência no MEB de Pernambuco. A produção do autor é considerada a "expressão mais acabada desses movimentos", segundo Dermeval Saviani na obra *A história das ideias pedagógicas no Brasil*.

Na perspectiva de Freire, muitas vezes os educadores impunham concepções de vida e valores que não condiziam com a realidade social das camadas populares. Assim, ao romper com essa visão idealista, ele começou a defender a educação como um processo de clarificação da consciência.

Para Freire, o aumento da urbanização e da industrialização no panorama brasileiro permitiria mais participação política na sociedade e poderia provocar transformações na consciência da população, a chamada "emersão do povo". Por outro lado, entendia que a industrialização também poderia contribuir para a massificação, tendo em vista que estabelecia comportamentos repetitivos e mecanizados, desvinculando o trabalhador da totalidade da obra e levando-o a uma participação cada vez mais fragmentada no processo produtivo.

Na visão do educador, a sociedade brasileira em transição não tinha se livrado da atmosfera cultural e da ordem fundamentada no autoritarismo, no assistencialismo e nas relações verticais. Em sua obra, é possível identificar uma tentativa persistente de formular uma concepção de homens e mulheres a partir de um patrimônio comum ao pensamento cristão renovador do momento: seres situados, datados, marcados pelas condições de seu ambiente específico, mas, pelo seu dinamismo, capazes de transcender os aspectos socioculturais de sua existência e interferir criadoramente em suas próprias condições de vida. Baseando-se nessas reflexões, seria tarefa da educação instrumentalizar homens e mulheres para a passagem de uma consciência ingênua a uma consciência crítica.

Ao desenvolver a consciência crítica por meio da educação, as pessoas poderiam interferir em sua realidade e ter sua humanidade plenamente realizada. Além disso, a prática educativa deveria contribuir para a formação de personalidades democráticas e, por isso, a conscientização precisaria ocorrer em um contexto que permitisse ao educando entender suas circunstâncias históricas, livrando-se de práticas e valores como o autoritarismo e o assistencialismo. Nesse sentido, o diálogo constitui um aspecto metodológico central na proposta freireana, uma vez que o autor pretendia valorizar o conhecimento dos educandos, reconhecendo-os como sujeitos da história e produtores do saber.

SABER DIALÓGICO

Outro aspecto marcante da concepção de Freire é a recusa sistemática de educar por meio de práticas autoritárias ou paternalistas, levando à definição do conteúdo programático em conjunto com os educandos, partindo sempre de seus conhecimentos e realidades.

Nessas formulações há uma crítica contundente à educação bancária, que considera os educandos como recipientes vazios e os educadores como sábios que devem "depositar" novos conteúdos nos educandos. Além de uma crítica a posturas hierarquizadas, essas proposições incluem uma percepção negativa de práticas escolares que apresentariam os conteúdos de forma estática, negando a educação e o conhecimento como processo de busca. Na educação problematizadora, elaborada por Freire e descrita em seu livro *Pedagogia do oprimido*, os educandos desenvolveriam o poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações

com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo". Nesse sentido, ao invés dos educadores se valerem de práticas narrativas de ensino, deveriam trabalhar a partir dos problemas.

Ainda de acordo com ele, a tarefa do educador dialógico, que trabalha os temas recolhidos na investigação em equipe interdisciplinar, é devolvê-los como problemas, não como dissertação, aos homens e mulheres de quem os recebeu. Desse modo, é possível identificar a proposição de uma pedagogia de pesquisa em todas as fases da obra de Paulo Freire. A nova educação defendia a aproximação da educação escolar à experiência e vida das crianças, percebendo-se um movimento semelhante do educador em relação à educação popular e de adultos, incluindo a preocupação com a superação das desigualdades e opressões.

EDUCAÇÃO DAS ELITES

O público-alvo e foco da proposta de educação freireana são as camadas populares, priorizando suas necessidades educacionais e políticas. Ainda assim, o corpo de formulações do autor possibilita também pensar em uma proposta de educação para as elites.

Pensar a formação de elites numa perspectiva freireana corresponde a apostar numa proposta educativa em que aqueles que ocupam lugares de poder na sociedade também podem colaborar para a constituição da democracia.

No livro *Educação como prática da liberdade*, Freire discute o processo dialético presente nas relações de dominação. Se, por um lado, as camadas populares são sistematicamente destituídas de sua humanidade por conta da desvalorização de suas vidas e da exclusão de seu lugar de sujeitos produtores da história, por outro, os grupos sociais dominantes também se encontrariam destituídos de sua humanidade devido à sua responsabilidade na desumanização do outro. A dialética freireana pressupõe reconhecimento mútuo como parte do que constitui a humanidade e a humanização. Ou seja, aquele que desumaniza o outro também destitui sua própria humanidade.

Além disso, assim como as camadas populares podem se encontrar alienadas a fatores históricos e causas sociais de sua condição, aqueles que ocupam posições de poder na sociedade também estão sujeitos à mesma realidade. A prática de educação bancária, descrita por Freire, pode estar igualmente presente nas escolas das elites, as quais, dessa forma, teriam poucas oportunidades de tomar consciência crítica de sua implicação em relação às injustiças e desigualdades presentes no processo histórico de constituição da realidade brasileira.

POR UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

Conforme Freire ensina, para a constituição de uma sociedade democrática, é importante a desnaturalização dos diferentes lugares sociais ocupados, por exemplo, por ricos e pobres, homens e mulheres, brancos e negros. O benefício é para todos. Assim, cabe indagar: quais são as oportunidades que a educação oferece para a elite pensar em si própria e identificar seu papel diante do sofrimento das camadas populares?

Mesmo a formação escolar e universitária muitas vezes não proporciona essa reflexão. Em um processo similar ao que o filósofo aponta em relação às camadas populares, a educação das elites brasileiras também está fundamentada na imposição de valores e estruturas de pensamento advindas de contextos diferentes à realidade social desses atores. Portanto, o pensamento de Freire apresenta um caminho fértil para a reflexão sobre o potencial libertador e humanizador da educação também para as elites, com grande impacto na constituição da sociedade democrática.

SAIBA MAIS:

- Celso de Rui *Beisiegel*. ***Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil.*** São Paulo: Ática, 1992.

- Paulo Freire. ***Pedagogia do oprimido.*** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

- Paulo Freire. ***Educação como prática da liberdade.*** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

- Dermeval Saviani. ***A história das ideias pedagógicas no Brasil.*** São Paulo: Autores Associados, 2011.

Cinthia Toledo > Mestre e doutoranda pela Faculdade de Educação da USP > *cinthia.toledo@usp.br*

Mariana Rocha > Pesquisadora do Centro de Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem (CEDEA) da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV EAESP) > *mariana.rocha@fgv.br*